

MORRE TANCREDO, NÃO A ESPERANÇA

Médico garante: cirurgia no DF precipitou morte

O médico Álvaro de Magalhães, diretor da Divisão Clínica Radiológica do Hospital das Clínicas e membro da equipe que atendeu Tancredo Neves, acredita que o "desfecho" da enfermidade do presidente eleito "certamente seria outro se a primeira operação tivesse sido realizada em São Paulo". E alertou: "Temos de zelar pelos nossos homens importantes. Não se pode perder um presidente da República como Tancredo Neves num hospital modesto de Brasília".

Para Magalhães não é necessário ser médico para chegar a esta conclusão — "basta ter bom senso". Na entrevista dada ontem em sua sala do HC, o médico lembrou, ainda, que a equipe de Brasília levou de "duas a três horas" para decidir "quem operaria Tancredo". Um tempo, segundo ele, suficiente para transportar o presidente até São Paulo. "Aqui, nós só tratamos das complicações." Em outras palavras: "Quando ele chegou, a batalha já estava seriamente comprometida".

O departamento chefiado por Magalhães ficou permanentemente em alerta para dar ao presidente "toda a cobertura do ponto de vista de diagnóstico". Foi através dos equipamentos da Divisão de Radiologia que a equipe médica acompanhou a evolução do estado dos pulmões e o aparecimento de abscessos. Álvaro Magalhães, Giovanni Serri e Jorge Kawakama fizeram, a partir do dia 28 de março, relatórios diários sobre o resultado dos exames a que Tancredo Neves era submetido — a radiografia do tórax era feita uma a duas vezes por dia.

A única vez que Tancredo Neves deixou o Instituto do Coração foi para ir até o terceiro andar do HC, onde foi realizado um exame de tomografia computadorizada, desde o ápice do pulmão até a cavidade pélvica. Neste dia, lembra Magalhães, Tancredo Neves não tinha uma aparên-

cia ruim. "Fazia sinais para mostrar que estava cansado e pedia com gestos para que lhe tirassem o tubo orotraquial. Seu olhar era de carinho e agradecimento."

A tomografia deixou os médicos eufóricos, conta Magalhães. Eles acreditavam na existência de um grande abscesso na cavidade abdominal e nada foi encontrado. O mesmo exame, no entanto, revelou um problema que perseguiu Tancredo até o fim: um processo pulmonar intersticial, denominado "pulmão de choque", provavelmente, de acordo com o radiologista, decorrente do quadro toxêmico (intoxicação no sangue).

Antes disso, no dia 27 de março, a equipe e os aparelhos da Divisão de Radiologia do HC detectaram a hemorragia responsável pela vinda do presidente a São Paulo e por sua terceira cirurgia: "Uma hemorragia grave, com um grande sangramento". O presidente já tinha perdido um litro e meio de sangue, conta Magalhães. Essa hemorragia foi acusada por um aparelho chamado de "gama-câmara", usando o isótopo radioativo injetado na veia.

Na mesma semana, logo após a terceira cirurgia, Álvaro de Magalhães teve o primeiro contato com Tancredo Neves. E levou um susto: "Você imagina seu avô de 75 anos, depois de três operações, com toxemia, um homem esquelético, amarelo e anêmico. E encontra uma pessoa robusta, lúcida, tranqüila, dando a impressão de muita resistência". Nessa e em outras ocasiões, Tancredo Neves nunca deixou de cumprimentar os médicos, com um olhar que Magalhães define como de "simpatia e agradecimento".

A aparência que tanto impressionou Magalhães não condizia com o quadro clínico de Tancredo Neves. O presidente veio para São Paulo com alguns problemas: nos pulmões já havia um processo intersticial e em seu organismo um estado de toxemia.

O radiologista afirma que Tancredo morreu sem que os médicos tivessem encontrado as causas da bacteremia, daí a autópsia, que poderá "dizer ou não" sua origem.

Sempre se teve esperança de vencer a toxemia, diz Magalhães. Segundo ele, o imunologista Vicente Amato Neto conseguiu destruir todas as bactérias que apareceram. Foram feitas centenas de culturas, mas houve alguma coisa que não se conseguiu detectar. No final, o corpo do presidente foi invadido pelos chamados fungos e bactérias oportunistas, de uma "virulência brutal". A cândida albicans encontrada, inicialmente na traquéia, foi um péssimo sinal: o organismo debilitado do presidente possibilitou sua expansão.

O radiologista tem uma certeza. Ninguém no mundo teve a assistência médica igual a que foi prestada a Tancredo Neves. Ele era muito mais do que um paciente. Era tratado como um ente querido. Era uma equipe diferenciada, com treinamento no Exterior e diversos especialistas em cada área, que checavam permanentemente todas as informações. Estes médicos, garante Magalhães, lutaram até o fim. E só no domingo consideraram a batalha perdida, mesmo assim, Tancredo ainda foi submetido a uma última radiografia do tórax pela manhã.

À tarde, Magalhães foi para casa e aguardou. Estava preparado: "Eu sabia que não havia mais nada a fazer". Ainda assim, reconhece ter sentido uma "grande sensação de frustração". Para ele, houve "uma coisa mais forte, diante da qual a gente tem de se curvar". Comovido, o radiologista Álvaro Magalhães não gostaria que isso novamente ocorresse: "São poucos os homens diferenciados na política e o que aconteceu a Tancredo Neves deve servir de alerta. Devemos zelar pelos nossos homens importantes, cobrando deles o cuidado por sua própria saúde".